

GÊNERO, EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA: PERCEPÇÕES DE MULHERES E DE HOMENS SOBRE O MAGISTÉRIO PRIMÁRIO NO CONTEXTO DOS ANOS 1970

SILVIA REGINA MARQUES JARDIM (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP); UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB).

Resumo

Com base nos estudos sobre gênero e educação, busca-se refletir sobre resultados de pesquisa realizada com mulheres e homens que cursaram o antigo Curso Normal durante os anos 70, em Araraquara, interior paulista. Por meio de entrevistas realizadas com 12 mulheres e 6 homens que lecionaram nessa época, observamos diversos aspectos que permeavam a docência. Destacamos nos discursos referências à profissão como "trabalho de mulher" devido a exigências, da profissão, de habilidades inerentes ao sexo feminino e a busca, pelos homens, de profissões mais rentáveis financeiramente. Ao visualizar a categoria gênero nos discursos, verificamos como se dá a constituição de indivíduos a partir de expectativas que produzem formas de agir nas diferentes instâncias sociais. A atividade docente é evidenciada como uma atividade provisória para os homens enquanto que, para as mulheres, ela se constitui como um instrumento de realização pessoal e de emancipação. Era um curso aceito e valorizado socialmente para ser desenvolvido pelas mulheres e que faz parte de gueto profissional ligado a atividades direcionadas ao cuidado (como enfermeira, secretária) e, o cuidar de outros é tarefa de mulheres. O estudo confirmou o que pesquisas sobre relações de gênero apontam: há muitos avanços no que diz respeito a práticas de exclusão sob a ótica de gênero, mas estão longe de serem superadas. Trazer à tona a categoria gênero nas pesquisas sobre educação contribui para abalar mecanismos sutis de discriminação e permite que práticas discursivas possam ser melhor analisadas, não apenas no que diz respeito às relações de gênero, mas sobre a diferença numa dimensão mais ampla.

Palavras-chave:

Gênero, Educação, Formação de Professores.

Introdução

Com base nos estudos sobre gênero e educação, esse texto busca socializar pesquisa realizada com mulheres e homens que cursaram o antigo Curso Normal durante os anos 70, em Araraquara, interior paulista. É uma análise possível de entrevistas realizadas com 11 mulheres e 6 homens que lecionaram nessa época no que diz respeito à escolha pelo curso e o exercício efetivo da profissão. Não constitui uma grande novidade para área, uma vez que a relação entre gênero e magistério conquistou espaço nas Ciências Humanas ao discutir fenômenos históricos, sociais e culturais relacionados a esta temática. Mas, tenta-se contribuir ao enfatizar a importância da continuidade de reflexões sobre a carreira docente ligadas a práticas educativas, culturais e de exclusão.

A categoria de análise gênero é entendida como uma construção histórica que constitui os seres humanos a partir de suas diferenças biológicas (sexo) e está fortemente pautada nas relações de poder. Ela sugere que mulheres e homens são constituídos a partir de determinados símbolos marcados por ideologias sexistas presentes nos mais diversos espaços por meio de discursos que naturalizam formas

de discriminações e preconceitos baseados na diferença sexual (Scott, 1995). Gênero, categoria complexa, surge na década de 70, se fortalece nos anos 80 e, pode-se dizer, está consolidada nos 90 entre pesquisas que discutem processos de discriminações. Gênero, diferente do sexo, é um produto ideológico, no qual os interesses de determinados são privilegiados a partir da subestimação e discriminação de outros grupos.

Trazer à tona a categoria gênero nas pesquisas em educação é importante para abalar mecanismos sutis de discriminação, pois ela permite que práticas discursivas de cunho ideológico possam ser melhor analisadas, não apenas no que diz respeito às relações de gênero, mas sobre a diferença numa dimensão mais ampla.

Caminhos da pesquisa e apresentação das/os participantes da pesquisa

Como dito, a pesquisa procurou verificar diferentes modos de olhar a carreira do magistério por mulheres e homens que viveram um contexto específico, os anos 70, momento marcado por repressões e rupturas que visavam uma mudança de mentalidades e comportamentos.

Para tanto, foram identificados nomes de jovens que se formaram na Escola de Formação de Professores durante a década de 70, em Araraquara. Escola que desfrutava certo prestígio devido à qualidade de ensino e era a única que oferecia o curso. Feito isso, tentei localizar essas pessoas para ver se exerceram a profissão e se havia disposição para relatar sobre suas experiências como professoras/es. As professoras logo se mostraram dispostas a falar, sentindo-se valorizadas pelo meu interesse, o que não ocorreu quando fiz contatos com os homens que utilizaram argumentos de que "não tenho nada para falar" ou "ando muito ocupado". Aqueles que aceitaram participar da pesquisa o fizeram já sob a justificativa de que não poderiam dar muita atenção porque eles tinham muitos compromissos e o tempo era curto. As entrevistas foram gravadas no gravador e apenas dois homens e uma mulher não permitiram o seu uso. Ficou claro aos professores o uso de nomes fictícios.

As professoras apresentavam idade entre 50 e 74 anos e começaram a ministrar aulas por volta dos 21 anos. Quatro dessas professoras fizeram o curso de Pedagogia e a Professora Lígia se formou em Pedagogia em 2002. Rita, única solteira, cursou Letras e lecionou no Ensino Fundamental e Médio, mas dedicou a maior parte de sua carreira às séries iniciais do Ensino Fundamental.

Os professores nasceram entre 1940 e 1951, estudaram em diferentes cidades e só depois mudaram para Araraquara. Tal como as professoras, começaram a lecionar próximo dos 21 anos. Casaram e tiveram filhos. Somente o Prof. Afonso não prosseguiu seus estudos e ficou apenas cinco anos no magistério, pois devido a concurso público atuou como escriturário na Delegacia de Polícia. Os professores Augusto e Carlos lecionaram até sua aposentadoria, sendo que Augusto ministrou aulas para crianças e para o Ensino Médio. O Professor Antônio, em 1987, tornou-se diretor de escola. Os professores Benedito e Edson aposentaram-se como professores, mas exerciam outras profissões; O primeiro foi redator no jornal local da cidade e o prof. Edison formou-se em Direito e exercia a carreira, chegando, inclusive a se candidatar vereador na cidade.

Essa descrição aponta uma primeira diferença entre mulheres e homens entrevistados: as mulheres aposentadas não desenvolviam outra atividade profissional, dedicando-se ao lar. Apenas uma delas disse que lecionava, semanalmente, princípios de religião na Igreja que frequentava. Este fato lembra as colocações de Whitaker (1988) sobre representações de mulheres e homens em relação aos espaços público e privado: ideologicamente, a mulher está "naturalmente" inclinada ao cuidado e permanência no lar enquanto o homem tem suas ações no âmbito público. Portanto, ao se aposentar, o homem logo procura atividades "fora" do lar. Já a mulher, é como se "regressasse" ao lar, ao "seu" lugar e passa a usar todo o seu tempo cuidando dos outros: marido, filhos, pais idosos, netos etc.

Docência, uma carreira: o discurso dos/as professores/as

De acordo com os relatos, o interior paulista, nos anos 70, crescia e a profissão docente mantinha, ao menos em sua aparência, uma imagem de prestígio social e isso contribuía na decisão profissional das/os jovens pertencentes a classes menos abastadas. As cidades quase não ofereciam possibilidades de carreiras e o magistério apresentava-se como um curso de fácil acesso, devido à sua gratuidade e por não exigir, para os que não moravam na cidade, grandes deslocamentos para chegar à escola. O Curso Normal era atraente porque, ao contrário dos cursos Clássico e Científico, logo tornava os formandos aptos a lecionar. Os cursos Clássico e Científico ofereciam certificados que capacitavam os jovens a aprofundarem seus estudos, mas não davam acesso direto ao mercado de trabalho.

Tanto os homens quanto as mulheres cresceram com desejos de estudar e adquirir uma profissão. Os primeiros sentiam o senso da responsabilidade, uma necessidade de mostrar aos familiares e à sociedade que sua educação não fora em vão, compensada com o aspecto monetário e um prestígio na profissão. Além do Curso Normal, uma carreira citada pelos docentes que dava prestígio e acesso rápido ao mercado era o curso de contador. As mulheres desejam uma educação para garantir um futuro que não se restringisse ao lar e filhos. As mulheres não tinham muitas opções e o Curso Normal mostrava-se como única possibilidade para utilizar todo o potencial que possuíam, vencendo, inclusive muitos desafios. Como mulheres, souberam conciliar lar e filhos com os afazeres da escola, sempre com determinação e enfrentando, muitas vezes, desaprovações dos seus companheiros (namorados e maridos). Isto porque, apesar de o magistério ser uma carreira aceita e valorizada socialmente para as mulheres, estas tinham um trabalho que poderia prejudicar a harmonia do lar.

O discurso dos homens não revelou preocupação com lar ou filhos, suposta responsabilidade feminina. Alguns chegaram até mesmo a criticar as mulheres que trabalhavam por não acompanharem o desempenho de seus filhos na escola e, o que pior, culpavam-nas pela crise atual na educação pública. Para eles, nem sempre o magistério era um projeto para a vida toda e, por isso, acabavam buscando outras profissões.

Essas falas podem ser justificadas devido à baixa valorização salarial do magistério que já era visível e, devido aos processos de urbanização, expansão de ensino e industrialização, novas oportunidades surgiam e, geralmente, os homens ocupavam as novas profissões.

Embora apresentem algumas variações típicas de sujeitos que são únicos e singulares, as entrevistas expressaram uma idéia que também é partilhada por outras pessoas/pesquisadoras. Destacamos nos discursos referências que identificam a profissão como "trabalho de mulher" devido a exigências, da profissão, de habilidades consideradas inerentes ao sexo feminino e a busca, pelos homens, de profissões mais rentáveis.

Ao tentar visualizar a categoria gênero nos discursos, verificamos como se dá a constituição de indivíduos a partir de expectativas que produzem formas de agir nas diferentes instâncias sociais. A atividade docente era evidenciada como atividade provisória para os homens, pois ela abria oportunidades futuras de seguir postos de direção ou até mesmo outras profissões. Já, para as mulheres, a docência se constituía como um instrumento de realização pessoal e de emancipação. O curso era valorizado socialmente já fazia parte de um gueto profissional ligado a atividades direcionadas ao cuidado (como enfermeira, secretária) e, o cuidar é tarefa de mulheres (Almeida, 1998).

O estudo confirmou o que pesquisas sobre relações de gênero apontam: há muitos avanços na busca em romper desigualdades de gênero, mas discursos discriminatórios sobrevivem. Observamos que nem sempre exercer a profissão de professora era tão enaltecido quanto fazer o curso. As falas das mulheres mostram dificuldades em conciliar o magistério e expectativas da família. Exemplos não faltaram: a professora Mariza manifestou o desejo de fazer o curso superior, mas, na época, seu marido quis fazer Direito e ela deu prioridade a ele, pois "alguém tinha que ficar em casa para cuidar dos filhos". A professora Eliza também quis estudar, mas precisava trabalhar e seu marido não permitia que ela estudasse à noite. Lígia lembra o pouco incentivo aos estudos no nível superior:

"Nós éramos orientados, em casa, a estudar... para ser professora, nós as meninas. Os meninos já não. Era medicina, engenharia. Mas nós, meninas, não éramos orientadas, por exemplo, no meu caso, a seguir carreira... porque eu poderia ter feito Pedagogia depois..." (Professora Lígia)

A professora Beatriz trabalhou em duas escolas até 1979, mas deixou uma das escolas por causa dos filhos que exigiam sua presença. A professora Olga disse que seu marido "ganhava bem" e acabou convencendo-a a abandonar o trabalho para se dedicar aos cuidados do lar e dos quatro filhos e, somente após um período de 15 anos, voltou a lecionar. A professora Marta enfatizou que se sentiu obrigada a parar de lecionar por dez anos "não por imposição do marido", mas porque ele era jogador de futebol, viajava muito e necessitava de sua companhia.

Essas falas parecem denunciar uma ideologia que dita que o homem deve ganhar mais e se dedicar em tempo integral ao seu trabalho enquanto a mulher parece auxiliar o orçamento do lar e, portanto, não precisa de um bom salário para suprir suas necessidades e de sua família (Whitaker, 1988).

A pesquisa tornou possível questionar, com mais ênfase, a ligação do magistério com mulher e submissão. Um depoimento importante, da professora Vera, lembrou que se submeteu aos argumentos do namorado (da época) para que fizesse o Curso Normal e não o Científico. Posteriormente, em 1973, já casada, o marido não permitia que lecionasse e, apesar do receio, diz que se sentiu forte o suficiente para enfrentar a oposição e aceitou o desafio de lecionar. Conta que "quase me divorciei,

mas meu marido reconheceu meus direitos e aceitou meu desejo de trabalhar". Esse fato permite observar que a mulher só tem argumentos para problematizar comportamentos e desafiar preconceitos quando ela participa na esfera social por meio de estudo e formação.

Outro destaque nos relatos das mulheres são referências à profissão como um espaço conquistado e valorizado, o que nem sempre acontecia com as atividades desenvolvidas no âmbito da casa. As professoras viam-se como sujeitos capazes de ensinar, de transformar a sociedade da qual faziam parte, de combater posições de seus maridos em nome de um ideal. O ideal de serem reconhecidas como mulheres portadoras de um saber que ia muito além do discurso hegemônico que construiu um comportamento baseado no significante "tia".

Nenhuma das entrevistadas mostrou-se decepcionada com a profissão; ao contrário, à medida que iam se aproximando da prática profissional, sentiam-se cada vez mais envolvidas e buscavam aperfeiçoamentos. Foi possível verificar "este outro olhar" para a profissão pela subjetividade com que relatavam suas experiências com as crianças, a satisfação em vê-las, hoje, adultas, formadas e com sentimento de gratidão pela professora. Frisamos que essas mulheres não realizaram o curso casualmente como forma de preencher o tempo até se casarem; o desejo era mais profundo: era o acesso a uma profissão.

A professora Lígia disse que "ter uma profissão significava, para mim, mais do que ter cultura e bens materiais: era me sentir livre. Eu me sentia livre na sala de aula! A escola era meu espaço. Eu sentia muita satisfação como mulher, em saber que produzia algo que não estava dentro de casa". Para essa mulher, ser professora nunca foi e jamais será a extensão de atributos naturais.

Os homens também valorizavam o curso e a profissão e pareciam concordar que a prática educativa, segundo com Freire (1997):

(...) é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento (...) podemos, também, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando **presenças** marcantes no mundo (p. 47).

O que se vê, com a pesquisa, é a confirmação de que o cotidiano está repleto de controvérsias, ambigüidades e dissonâncias que marcam os diferentes modos de ser sujeitos. As professoras não demonstravam uma postura crítica diante de papéis sexuais e, dessa forma, não os questionavam, reconhecendo, inúmeras vezes, o papel de educar a partir de aprimoramentos de sua "naturalidade", que teve suas origens na infância, quando brincavam de "escolinha" que resultou na descoberta do dom em ensinar. A professora Mariza exemplifica: "Cada um tem o seu Dom para uma coisa. Eu, por exemplo, seria professora mesmo, nunca seria outra, por exemplo, secretária, enfermeiraeu não tinha Dom para isso. Eu acho que depende muito do Dom da pessoa, né? Ou ainda:

"O magistério é uma como toda profissão, é ... a questão da vocação, e a gente começa a trabalhar e percebe que tem Dom para aquela atividade e passa a gostar

dela e desempenhá-la com amor, responsabilidade, com aplicação e... a gente faz da profissão a vida, entende? (Professora Mercedes)

Algumas professoras, ao contrário, demonstraram que nem sempre ser professora era um sonho almejado, mas seguiram a carreira até a aposentadoria e isso se dava, muitas vezes, a fatores como sexo e classe social. Ou ainda, a escolha pelo magistério era resultado de influências dentro do grupo familiar: "... nós somos em cinco irmãos e são os cinco formados professores e eu sou a caçula (...) eu gostava da profissão e outro motivo era uma coisa para que as mulheres era.. acho.. que mais de imediato tinha para se colocar, né" (Professora Eliza). A professora Ana acabou dizendo que : "...Eu não queria ser professora. Foi uma imposição do meu pai. E depois que eu entrei no magistério, aí que eu fiquei gostando dele" (Professora Ana)

Outro argumento é que esse era o tipo de trabalho que não exigia tempo integral, o que facilitava a conciliação do trabalho na escola e da vida doméstica. Obviamente, que desenvolviam tarefas da escola em casa, como o preparo de aulas, avaliações, correções de cadernos. No caso dos homens, era uma profissão que poderia ser desenvolvida concomitante a outras, como fez o Prof. Edison no início de sua carreira: era jogador de futebol profissional e lecionava.

Ao tentar direcionar o diálogo com os professores para fatos como a feminização do magistério, eles mostravam-se um tanto perturbados e diziam "desinformados" a respeito; "estou à parte desse assunto"; "não sei o que penso"; e, logo em seguida, mudavam o assunto para o problema do atual sistema educativo e da "saúde daquele tempo" em que o professor era respeitado e as atividades de ensino progrediam. Esta espécie de fuga do assunto mostra que os professores, durante todo o momento da entrevista, estavam pouco à vontade e muito desconfiados principalmente quando eu tocava no assunto sobre o magistério ser vista como profissão de mulher. A maioria dos professores afirmou que se sentia bem no ambiente majoritariamente feminino e não sabia explicar porque era a minoria na escola e argumentava que os homens costumavam lecionar para as séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, enquanto que as mulheres lecionavam para crianças. O professor Carlos opina:

" (...) eu acredito que pela facilidade que tem a mulher de tratar criança, principalmente criança de primeiro ano. E ... sempre é mãe ... que está tratando dos alunos. Eu sou pai, sem dúvida! Mas o tratamento com meus filhos é diferente. Então, parece que fica mais fácil para uma professora lidar com uma criança de primeira série."

O professor Afonso que lecionou poucos anos disse que gostava muito de lecionar, mas não tinha "dom" para ser professor, pois os alunos não o respeitavam. Interessante a comparação que fez:

"A professora que trabalhava comigo dava aula muito bem: conseguia cativar as crianças, deixar todos quietinhos sem precisar.. gritar ... nada. As crianças não respeitam o professor homem. Elas têm mais intimidade com a gente do que com as mulheres. As mulheres, com um olhar, impõe o respeito; elas têm o dom para isso."

Este pensamento parece refletir que, do ponto de vista dos homens, lecionar, principalmente para crianças, é mais fácil para as mulheres, como se isto fosse um dos recortes dos papéis sociais da mulher estendidos à sala de aula: é sua autoridade de mãe que se faz presente na escola. Isso parece ser uma justificativa em comum acordo tanto pelos homens quanto pelas mulheres sobre para a falta de homens no magistério primário. Ser professora, numa concepção ideológica, é visto como trabalho a ser realizado por mulheres. O dom acaba surgindo para explicar que ser professor é naturalmente uma função de mulher que apresenta habilidades voltadas mais para amor, a doação, a paciência e o cuidar de outros. Além disso, acredita-se, que a escola é um local predominantemente feminino e reconhecido como "segundo lar" e não como um espaço público, já que o "trabalho doméstico é tido como definidor das atividades ditas femininas e tem presença inexorável na vida da maioria das mulheres" (Carvalho, 1999: 78).

A professora Rita ainda disse que os homens não querem ser professores porque "eles têm medo de serem confundidos com homossexual". Outra professora, Beatriz, diz:

"Imagine, você, entregando sua filha pequena para um professor. Como vai ser se a criança precisar de algum cuidado ah... por exemplo ir ao banheiro? Eu acho que é por isso.... as mães preferem que quem cuide de seus filhos pequenos seja outra mulher...."

Estas falas demonstram um discurso pautado em construções ideológicas disfarçadas no que é natural. Louro (1997: 21) ao tecer considerações sobre gênero, contribui para esta reflexão ao dizer que é preciso "demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em dado momento histórico". Homens e mulheres ainda "vestem máscaras" e acabam reproduzindo papéis condizentes com o que é esperado por uma sociedade. Os homens também sentem a pressão social por pertencerem ao sexo masculino, pois deles são exigidas ações que respondam às expectativas de cada contexto histórico.

Para Bourdieu (1998), dom é um mito que prescreve como naturais a divisão de grupos sociais em que os indivíduos privilegiados economicamente sobressaem nos sistemas escolares e profissionais não por ser vocacionados a exercer determinado tipo de função, mas porque foi educado e preparado para tal. O mito do dom reforça, de modo subliminar, as relações de poder pautadas num discurso ideológico que prega a inculcação das desigualdades na hierarquia social como algo natural. Bruschini e Amado (1988: 07) completam que o conceito de vocação está muito ligado a aptidões inatas e que este "foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente".

Tecendo considerações

Os discursos mostraram que acesso à educação se mostrou como instrumento decisivo para a formação humana e um meio de adquirir mobilidade social. O magistério representou para os entrevistados/as a oportunidade de desfrutar de prestígio e poder social, já que eram oriundos de classes menos favorecidas. Interessante observar como esses sujeitos foram, cada um a seu modo, constituindo sua identidade de professor e fizeram de seu trabalho não apenas um meio de sobrevivência e sim um projeto de formar seres humanos por meio da produção da cultura.

As mulheres escolhiam o magistério devido a poucas opções, mas feita a escolha, construíram uma vida profissional. Já os homens escolhiam o Curso Normal pela necessidade de "ganhar dinheiro imediato", continuar seus estudos até posicionar-se socialmente, mesmo que, para isso, tivessem que buscar outras profissões. Isso quase não se dava com as normalistas que, ao fim do curso, logo partiam para a sala de aula e quando abandonavam a profissão era, na maioria das vezes, por motivos pessoais (cuidado da família) do que pela ascensão profissional. É claro que nesta época havia jovens que sonhavam em ser professoras/es e dedicaram uma vida inteira em torno de um ideal.

O estudo também observou que a emancipação feminina ainda não foi de todo absorvida pelos homens e de certa forma por parte das mulheres, pois houve muita relutância em reconhecer que o potencial da mulher não deveria ser detido na dedicação exclusiva do lar e filhos. É de se reconhecer que, apesar de grandes mudanças econômicas, sociais e culturais que foram apropriadas pelas mulheres graças à educação e o acesso a informações diversificadas, não há consciência absolutamente clara de que ser professora poderia ser uma profissão-modelo a ser seguida pelas mulheres, já que não sofria, na época, discriminações e ainda era enaltecida por parte dos homens (pais, namorados, amigos, maridos etc).

Os relatos confirmam a bibliografia estudada sobre gênero e educação ao afirmar que o magistério representa uma das vitórias presentes na história das mulheres; é um espaço conquistado que deve ser valorizado, pois é uma profissão que humaniza os indivíduos por meio da produção da cultura e conhecimento. Portanto, o desenvolvimento de um trabalho educativo com crianças não é o desenvolvimento de funções consideradas naturais cujas raízes estão no patriarcalismo. Ao dialogar com as professoras, ficou evidente que todas elas se realizaram no trabalho e na família, sendo que algumas delas chegaram a fazer cursos diversos, entre eles, cursos superiores, concomitante ao trabalho escolar e cuidado da casa. É mais que uma dupla jornada de trabalho: é tripla jornada, já que consiste em trabalhar, administrar lar e estudar.

Apesar dos grandes avanços nas mentalidades, verificamos, ainda, a importância em se quebrar o dualismo cultura/natureza como sinônimo de homem/mulher. Isso faz parte não só do passado, pois os dados coletados mostraram que ainda há vestígios de práticas discursivas de cunho sexista, tanto familiar quanto na esfera pública. As conquistas foram muitas, mas ainda há muito trabalho para que a distância entre mulheres e homens fique de fato anulada, já que persiste uma mistificação de direitos iguais no que diz respeito ao gênero.

Referências Bibliográficas

Almeida, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

Bruschini, C; AMADO, T. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 64, 1988.

Carvalho, M. P. de. **No coração da sala de aula: Gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999.

Freire, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'agua, 1997.

Louro, G. L. Gênero e Magistério: identidade, história, representação. In: Catani, D. B. et al. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

Scott, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 20(2), 199571-99.

WHITAKER, D. C. **Mulher e homem: o mito da desigualdade**. São Paulo: Moderna, 1988

_____. Mulher e educação. In: D'INCAO, M A. (org.) **O Brasil não é mais aquele: mudanças sociais após a redemocratização**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 61-76.

Gênero, educação e docência: percepções de mulheres e de homens sobre o magistério primário no contexto dos anos 1970

Introdução

Com base nos estudos sobre gênero e educação, esse texto busca socializar pesquisa realizada com mulheres e homens que cursaram o antigo Curso Normal durante os anos 70, em Araraquara, interior paulista. É uma análise possível de entrevistas realizadas com 11 mulheres e 6 homens que lecionaram nessa época no que diz respeito à escolha pelo curso e o exercício efetivo da profissão. Não constitui uma grande novidade para área, uma vez que a relação entre gênero e magistério conquistou espaço nas Ciências Humanas ao discutir fenômenos históricos, sociais e culturais relacionados a esta temática. Mas, tenta-se contribuir ao enfatizar a importância da continuidade de reflexões sobre a carreira docente ligadas a práticas educativas, culturais e de exclusão.

A categoria de análise gênero é entendida como uma construção histórica que constitui os seres humanos a partir de suas diferenças biológicas (sexo) e está fortemente pautada nas relações de poder. Ela sugere que mulheres e homens são constituídos a partir de determinados símbolos marcados por ideologias sexistas presentes nos mais diversos espaços por meio de discursos que naturalizam formas de discriminações e preconceitos baseados na diferença sexual (Scott, 1995). Gênero, categoria complexa, surge na década de 70, se fortalece nos anos 80 e, pode-se dizer, está consolidada nos 90 entre pesquisas que discutem processos de discriminações. Gênero, diferente do sexo, é um produto ideológico, no qual os interesses de determinados são privilegiados a partir da subestimação e discriminação de outros grupos.

Trazer à tona a categoria gênero nas pesquisas em educação é importante para abalar mecanismos sutis de discriminação, pois ela permite que práticas discursivas de cunho ideológico possam ser melhor analisadas, não apenas no que diz respeito às relações de gênero, mas sobre a diferença numa dimensão mais ampla.

Caminhos da pesquisa e apresentação das/os participantes da pesquisa

Como dito, a pesquisa procurou verificar diferentes modos de olhar a carreira do magistério por mulheres e homens que viveram um contexto específico, os anos 70,

momento marcado por repressões e rupturas que visavam uma mudança de mentalidades e comportamentos.

Para tanto, foram identificados nomes de jovens que se formaram na Escola de Formação de Professores durante a década de 70, em Araraquara. Escola que desfrutava certo prestígio devido à qualidade de ensino e era a única que oferecia o curso. Feito isso, tentei localizar essas pessoas para ver se exerceram a profissão e se havia disposição para relatar sobre suas experiências como professoras/es. As professoras logo se mostraram dispostas a falar, sentindo-se valorizadas pelo meu interesse, o que não ocorreu quando fiz contatos com os homens que utilizaram argumentos de que “não tenho nada para falar” ou “ando muito ocupado”. Aqueles que aceitaram participar da pesquisa o fizeram já sob a justificativa de que não poderiam dar muita atenção porque eles tinham muitos compromissos e o tempo era curto. As entrevistas foram gravadas no gravador e apenas dois homens e uma mulher não permitiram o seu uso. Ficou claro aos professores o uso de nomes fictícios.

As professoras apresentavam idade entre 50 e 74 anos e começaram a ministrar aulas por volta dos 21 anos. Quatro dessas professoras fizeram o curso de Pedagogia e a Professora Lígia se formou em Pedagogia em 2002. Rita, única solteira, cursou Letras e lecionou no Ensino Fundamental e Médio, mas dedicou a maior parte de sua carreira às séries iniciais do Ensino Fundamental.

Os professores nasceram entre 1940 e 1951, estudaram em diferentes cidades e só depois mudaram para Araraquara. Tal como as professoras, começaram a lecionar próximo dos 21 anos. Casaram e tiveram filhos. Somente o Prof. Afonso não prosseguiu seus estudos e ficou apenas cinco anos no magistério, pois devido a concurso público atuou como escriturário na Delegacia de Polícia. Os professores Augusto e Carlos lecionaram até sua aposentadoria, sendo que Augusto ministrou aulas para crianças e para o Ensino Médio. O Professor Antônio, em 1987, tornou-se diretor de escola. Os professores Benedito e Edson aposentaram-se como professores, mas exerciam outras profissões; O primeiro foi redator no jornal local da cidade e o prof. Edison formou-se em Direito e exercia a carreira, chegando, inclusive a se candidatar vereador na cidade.

Essa descrição aponta uma primeira diferença entre mulheres e homens entrevistados: as mulheres aposentadas não desenvolviam outra atividade profissional, dedicando-se ao lar. Apenas uma delas disse que lecionava, semanalmente, princípios de religião na Igreja que frequentava. Este fato lembra as colocações de Whitaker (1988) sobre representações de mulheres e homens em relação aos espaços público e privado:

ideologicamente, a mulher está “naturalmente” inclinada ao cuidado e permanência no lar enquanto o homem tem suas ações no âmbito público. Portanto, ao se aposentar, o homem logo procura atividades “fora” do lar. Já a mulher, é como se “regressasse” ao lar, ao “seu” lugar e passa a usar todo o seu tempo cuidando dos outros: marido, filhos, pais idosos, netos etc.

Docência, uma carreira: o discurso dos/as professores/as

De acordo com os relatos, o interior paulista, nos anos 70, crescia e a profissão docente mantinha, ao menos em sua aparência, uma imagem de prestígio social e isso contribuía na decisão profissional das/os jovens pertencentes a classes menos abastadas. As cidades quase não ofereciam possibilidades de carreiras e o magistério apresentava-se como um curso de fácil acesso, devido à sua gratuidade e por não exigir, para os que não moravam na cidade, grandes deslocamentos para chegar à escola. O Curso Normal era atraente porque, ao contrário dos cursos Clássico e Científico, logo tornava os formandos aptos a lecionar. Os cursos Clássico e Científico ofereciam certificados que capacitavam os jovens a aprofundarem seus estudos, mas não davam acesso direto ao mercado de trabalho.

Tanto os homens quanto as mulheres cresceram com desejos de estudar e adquirir uma profissão. Os primeiros sentiam o senso da responsabilidade, uma necessidade de mostrar aos familiares e à sociedade que sua educação não fora em vão, compensada com o aspecto monetário e um prestígio na profissão. Além do Curso Normal, uma carreira citada pelos docentes que dava prestígio e acesso rápido ao mercado era o curso de contador. As mulheres desejam uma educação para garantir um futuro que não se restringisse ao lar e filhos. As mulheres não tinham muitas opções e o Curso Normal mostrava-se como única possibilidade para utilizar todo o potencial que possuíam, vencendo, inclusive muitos desafios. Como mulheres, souberam conciliar lar e filhos com os afazeres da escola, sempre com determinação e enfrentando, muitas vezes, desaprovações dos seus companheiros (namorados e maridos). Isto porque, apesar de o magistério ser uma carreira aceita e valorizada socialmente para as mulheres, estas tinham um trabalho que poderia prejudicar a harmonia do lar.

O discurso dos homens não revelou preocupação com lar ou filhos, suposta responsabilidade feminina. Alguns chegaram até mesmo a criticar as mulheres que trabalhavam por não acompanharem o desempenho de seus filhos na escola e, o que

pior, culpavam-nas pela crise atual na educação pública. Para eles, nem sempre o magistério era um projeto para a vida toda e, por isso, acabavam buscando outras profissões.

Essas falas podem ser justificadas devido à baixa valorização salarial do magistério que já era visível e, devido aos processos de urbanização, expansão de ensino e industrialização, novas oportunidades surgiam e, geralmente, os homens ocupavam as novas profissões.

Embora apresentem algumas variações típicas de sujeitos que são únicos e singulares, as entrevistas expressaram uma idéia que também é partilhada por outras pessoas/pesquisadoras. Destacamos nos discursos referências que identificam a profissão como “trabalho de mulher” devido a exigências, da profissão, de habilidades consideradas inerentes ao sexo feminino e a busca, pelos homens, de profissões mais rentáveis.

Ao tentar visualizar a categoria gênero nos discursos, verificamos como se dá a constituição de indivíduos a partir de expectativas que produzem formas de agir nas diferentes instâncias sociais. A atividade docente era evidenciada como atividade provisória para os homens, pois ela abria oportunidades futuras de seguir postos de direção ou até mesmo outras profissões. Já, para as mulheres, a docência se constituía como um instrumento de realização pessoal e de emancipação. O curso era valorizado socialmente já fazia parte de um gueto profissional ligado a atividades direcionadas ao cuidado (como enfermeira, secretária) e, o cuidar é tarefa de mulheres (Almeida, 1998). O estudo confirmou o que pesquisas sobre relações de gênero apontam: há muitos avanços na busca em romper desigualdades de gênero, mas discursos discriminatórios sobrevivem. Observamos que nem sempre exercer a profissão de professora era tão enaltecido quanto fazer o curso. As falas das mulheres mostram dificuldades em conciliar o magistério e expectativas da família. Exemplos não faltaram: a professora Mariza manifestou o desejo de fazer o curso superior, mas, na época, seu marido quis fazer Direito e ela deu prioridade a ele, pois “alguém tinha que ficar em casa para cuidar dos filhos”. A professora Eliza também quis estudar, mas precisava trabalhar e seu marido não permitia que ela estudasse à noite. Lígia lembra o pouco incentivo aos estudos no nível superior:

“Nós éramos orientados, em casa, a estudar... para ser professora, nós as meninas. Os meninos já não. Era medicina, engenharia. Mas nós, meninas, não

éramos orientadas, por exemplo, no meu caso, a seguir carreira... porque eu poderia ter feito Pedagogia depois...” (Professora Lígia)

A professora Beatriz trabalhou em duas escolas até 1979, mas deixou uma das escolas por causa dos filhos que exigiam sua presença. A professora Olga disse que seu marido “ganhava bem” e acabou convencendo-a a abandonar o trabalho para se dedicar aos cuidados do lar e dos quatro filhos e, somente após um período de 15 anos, voltou a lecionar. A professora Marta enfatizou que se sentiu obrigada a parar de lecionar por dez anos “não por imposição do marido”, mas porque ele era jogador de futebol, viajava muito e necessitava de sua companhia.

Essas falas parecem denunciar uma ideologia que dita que o homem deve ganhar mais e se dedicar em tempo integral ao seu trabalho enquanto a mulher parece auxiliar o orçamento do lar e, portanto, não precisa de um bom salário para suprir suas necessidades e de sua família (Whitaker, 1988).

A pesquisa tornou possível questionar, com mais ênfase, a ligação do magistério com mulher e submissão. Um depoimento importante, da professora Vera, lembrou que se submeteu aos argumentos do namorado (da época) para que fizesse o Curso Normal e não o Científico. Posteriormente, em 1973, já casada, o marido não permitia que lecionasse e, apesar do receio, diz que se sentiu forte o suficiente para enfrentar a oposição e aceitou o desafio de lecionar. Conta que “quase me divorciei, mas meu marido reconheceu meus direitos e aceitou meu desejo de trabalhar”. Esse fato permite observar que a mulher só tem argumentos para problematizar comportamentos e desafiar preconceitos quando ela participa na esfera social por meio de estudo e formação.

Outro destaque nos relatos das mulheres são referências à profissão como um espaço conquistado e valorizado, o que nem sempre acontecia com as atividades desenvolvidas no âmbito da casa. As professoras viam-se como sujeitos capazes de ensinar, de transformar a sociedade da qual faziam parte, de combater posições de seus maridos em nome de um ideal. O ideal de serem reconhecidas como mulheres portadoras de um saber que ia muito além do discurso hegemônico que construiu um comportamento baseado no significante “tia”.

Nenhuma das entrevistadas mostrou-se decepcionada com a profissão; ao contrário, à medida que iam se aproximando da prática profissional, sentiam-se cada vez mais envolvidas e buscavam aperfeiçoamentos. Foi possível verificar “este outro olhar” para

a profissão pela subjetividade com que relatavam suas experiências com as crianças, a satisfação em vê-las, hoje, adultas, formadas e com sentimento de gratidão pela professora. Frisamos que essas mulheres não realizaram o curso casualmente como forma de preencher o tempo até se casarem; o desejo era mais profundo: era o acesso a uma profissão.

A professora Lígia disse que “ter uma profissão significava, para mim, mais do que ter cultura e bens materiais: era me sentir livre. Eu me sentia livre na sala de aula! A escola era meu espaço. Eu sentia muita satisfação como mulher, em saber que produzia algo que não estava dentro de casa”. Para essa mulher, ser professora nunca foi e jamais será a extensão de atributos naturais.

Os homens também valorizavam o curso e a profissão e pareciam concordar que a prática educativa, segundo com Freire (1997):

(...) é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento (...) podemos, também, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando **presenças** marcantes no mundo (p. 47).

O que se vê, com a pesquisa, é a confirmação de que o cotidiano está repleto de controvérsias, ambigüidades e dissonâncias que marcam os diferentes modos de ser sujeitos. As professoras não demonstravam uma postura crítica diante de papéis sexuais e, dessa forma, não os questionavam, reconhecendo, inúmeras vezes, o papel de educar a partir de aprimoramentos de sua “naturalidade”, que teve suas origens na infância, quando brincavam de “escolinha” que resultou na descoberta do dom em ensinar. A professora Mariza exemplifica: “Cada um tem o seu Dom para uma coisa. Eu, por exemplo, seria professora mesmo, nunca seria outra, por exemplo, secretária, enfermeiraeu não tinha Dom para isso. Eu acho que depende muito do Dom da pessoa, né? Ou ainda:

“O magistério é uma como toda profissão, é ... a questão da vocação, e a gente começa a trabalhar e percebe que tem Dom para aquela atividade e passa a

gostar dela e desempenhá-la com amor, responsabilidade, com aplicação e... a gente faz da profissão a vida, entende? (Professora Mercedes)

Algumas professoras, ao contrário, demonstraram que nem sempre ser professora era um sonho almejado, mas seguiram a carreira até a aposentadoria e isso se dava, muitas vezes, a fatores como sexo e classe social. Ou ainda, a escolha pelo magistério era resultado de influências dentro do grupo familiar: "... nós somos em cinco irmãos e são os cinco formados professores e eu sou a caçula (...) eu gostava da profissão e outro motivo era uma coisa para que as mulheres era.. acho.. que mais de imediato tinha para se colocar, né" (Professora Eliza). A professora Ana acabou dizendo que : "...Eu não queria ser professora. Foi uma imposição do meu pai. E depois que eu entrei no magistério, aí que eu fiquei gostando dele" (Professora Ana)

Outro argumento é que esse era o tipo de trabalho que não exigia tempo integral, o que facilitava a conciliação do trabalho na escola e da vida doméstica. Obviamente, que desenvolviam tarefas da escola em casa, como o preparo de aulas, avaliações, correções de cadernos. No caso dos homens, era uma profissão que poderia ser desenvolvida concomitante a outras, como fez o Prof. Edison no início de sua carreira: era jogador de futebol profissional e lecionava.

Ao tentar direcionar o diálogo com os professores para fatos como a feminização do magistério, eles mostravam-se um tanto perturbados e diziam "desinformados" a respeito; "estou à parte desse assunto"; "não sei o que penso"; e, logo em seguida, mudavam o assunto para o problema do atual sistema educativo e da "saúde daquele tempo" em que o professor era respeitado e as atividades de ensino progrediam. Esta espécie de fuga do assunto mostra que os professores, durante todo o momento da entrevista, estavam pouco à vontade e muito desconfiados principalmente quando eu tocava no assunto sobre o magistério ser vista como profissão de mulher. A maioria dos professores afirmou que se sentia bem no ambiente majoritariamente feminino e não sabia explicar porque era a minoria na escola e argumentava que os homens costumavam lecionar para as séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, enquanto que as mulheres lecionavam para crianças. O professor Carlos opina:

" (...) eu acredito que pela facilidade que tem a mulher de tratar criança, principalmente criança de primeiro ano. E ... sempre é mãe ... que está tratando dos alunos. Eu sou pai, sem dúvida! Mas o tratamento com meus filhos é

diferente. Então, parece que fica mais fácil para uma professora lidar com uma criança de primeira série.”

O professor Afonso que lecionou poucos anos disse que gostava muito de lecionar, mas não tinha “dom” para ser professor, pois os alunos não o respeitavam. Interessante a comparação que fez:

“A professora que trabalhava comigo dava aula muito bem: conseguia cativar as crianças, deixar todos quietinhos sem precisar.. gritar ... nada. As crianças não respeitam o professor homem. Elas têm mais intimidade com a gente do que com as mulheres. As mulheres, com um olhar, impõe o respeito; elas têm o dom para isso.”

Este pensamento parece refletir que, do ponto de vista dos homens, lecionar, principalmente para crianças, é mais fácil para as mulheres, como se isto fosse um dos recortes dos papéis sociais da mulher estendidos à sala de aula: é sua autoridade de mãe que se faz presente na escola. Isso parece ser uma justificativa em comum acordo tanto pelos homens quanto pelas mulheres sobre para a falta de homens no magistério primário. Ser professora, numa concepção ideológica, é visto como trabalho a ser realizado por mulheres. O dom acaba surgindo para explicar que ser professor é naturalmente uma função de mulher que apresenta habilidades voltadas mais para amor, a doação, a paciência e o cuidar de outros. Além disso, acredita-se, que a escola é um local predominantemente feminino e reconhecido como “segundo lar” e não como um espaço público, já que o “trabalho doméstico é tido como definidor das atividades ditas femininas e tem presença inexorável na vida da maioria das mulheres” (Carvalho, 1999: 78).

A professora Rita ainda disse que os homens não querem ser professores porque “eles têm medo de serem confundidos com homossexual”. Outra professora, Beatriz, diz:

“Imagine, você, entregando sua filha pequena para um professor. Como vai ser se a criança precisar de algum cuidado ah... por exemplo ir ao banheiro? Eu acho que é por isso.... as mães preferem que quem cuidem de seus filhos pequenos seja outra mulher...”

Estas falas demonstram um discurso pautado em construções ideológicas disfarçadas no que é natural. Louro (1997: 21) ao tecer considerações sobre gênero, contribui para esta reflexão ao dizer que é preciso “demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em dado momento histórico”. Homens e mulheres ainda “vestem máscaras” e acabam reproduzindo papéis condizentes com o que é esperado por uma sociedade. Os homens também sentem a pressão social por pertencerem ao sexo masculino, pois deles são exigidas ações que respondam às expectativas de cada contexto histórico.

Para Bourdieu (1998), dom é um mito que prescreve como naturais a divisão de grupos sociais em que os indivíduos privilegiados economicamente sobressaem nos sistemas escolares e profissionais não por ser vocacionados a exercer determinado tipo de função, mas porque foi educado e preparado para tal. O mito do dom reforça, de modo subliminar, as relações de poder pautadas num discurso ideológico que prega a inculcação das desigualdades na hierarquia social como algo natural. Bruschini e Amado (1988: 07) completam que o conceito de vocação está muito ligado a aptidões inatas e que este “foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente”.

Tecendo considerações

Os discursos mostraram que acesso à educação se mostrou como instrumento decisivo para a formação humana e um meio de adquirir mobilidade social. O magistério representou para os entrevistados/as a oportunidade de desfrutar de prestígio e poder social, já que eram oriundos de classes menos favorecidas. Interessante observar como esses sujeitos foram, cada um a seu modo, constituindo sua identidade de professor e fizeram de seu trabalho não apenas um meio de sobrevivência e sim um projeto de formar seres humanos por meio da produção da cultura.

As mulheres escolhiam o magistério devido a poucas opções, mas feita a escolha, construíram uma vida profissional. Já os homens escolhiam o Curso Normal pela necessidade de “ganhar dinheiro imediato”, continuar seus estudos até posicionar-se socialmente, mesmo que, para isso, tivessem que buscar outras profissões. Isso quase não se dava com as normalistas que, ao fim do curso, logo partiam para a sala de aula e quando abandonavam a profissão era, na maioria das vezes, por motivos pessoais

(cuidado da família) do que pela ascensão profissional. É claro que nesta época havia jovens que sonhavam em ser professoras/es e dedicaram uma vida inteira em torno de um ideal.

O estudo também observou que a emancipação feminina ainda não foi de todo absorvida pelos homens e de certa forma por parte das mulheres, pois houve muita relutância em reconhecer que o potencial da mulher não deveria ser detido na dedicação exclusiva do lar e filhos. É de se reconhecer que, apesar de grandes mudanças econômicas, sociais e culturais que foram apropriadas pelas mulheres graças à educação e o acesso a informações diversificadas, não há consciência absolutamente clara de que ser professora poderia ser uma profissão-modelo a ser seguida pelas mulheres, já que não sofria, na época, discriminações e ainda era enaltecida por parte dos homens (pais, namorados, amigos, maridos etc).

Os relatos confirmam a bibliografia estudada sobre gênero e educação ao afirmar que o magistério representa uma das vitórias presentes na história das mulheres; é um espaço conquistado que deve ser valorizado, pois é uma profissão que humaniza os indivíduos por meio da produção da cultura e conhecimento. Portanto, o desenvolvimento de um trabalho educativo com crianças não é o desenvolvimento de funções consideradas naturais cujas raízes estão no patriarcalismo. Ao dialogar com as professoras, ficou evidente que todas elas se realizaram no trabalho e na família, sendo que algumas delas chegaram a fazer cursos diversos, entre eles, cursos superiores, concomitante ao trabalho escolar e cuidado da casa. É mais que uma dupla jornada de trabalho: é tripla jornada, já que consiste em trabalhar, administrar lar e estudar.

Apesar dos grandes avanços nas mentalidades, verificamos, ainda, a importância em se quebrar o dualismo cultura/natureza como sinônimo de homem/mulher. Isso faz parte não só do passado, pois os dados coletados mostraram que ainda há vestígios de práticas discursivas de cunho sexista, tanto familiar quanto na esfera pública. As conquistas foram muitas, mas ainda há muito trabalho para que a distância entre mulheres e homens fique de fato anulada, já que persiste uma mistificação de direitos iguais no que diz respeito ao gênero.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

- BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- BRUSCHINI, C; AMADO, T. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 64, 1988.
- CARVALHO, M. P. de. **No coração da sala de aula: Gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997.
- LOURO, G. L. Gênero e Magistério: identidade, história, representação. In: CATANI, D. B. et al. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 20(2), 1995:71-99.
- WHITAKER, D. C. **Mulher e homem: o mito da desigualdade**. São Paulo: Moderna, 1988
- _____. Mulher e educação. In: D'INCAO, M A. (org.) **O Brasil não é mais aquele: mudanças sociais após a redemocratização**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 61-76.